

Discurso de posse

JOSÉ REGINALDO LIMA VERDE LEAL*

Ao receber a notícia de minha eleição para sócio efetivo do Instituto do Ceará, meu primeiro pensamento foi para a oração do pastor inglês, George Herbert: “*Senhor, deste-me tanto. Dá-me uma coisa mais. Um coração agradecido.*” Hoje, estou aqui imbuído deste sentimento para agradecer aos sócios efetivos Juarez Fernandes Leitão, Luiz de Gonzaga Fonseca Mota e Osmar Maia Diógenes que indicaram meu nome para concorrer a uma das vagas; aos que acreditaram desde o início que eu poderia ser útil a este Sodalício; e àqueles que, num voto de confiança, recebem-me como parte desta assembleia de estudiosos da História, da Geografia e da Antropologia de nossa terra.

O orgulho de pertencer à Casa do Barão de Studart é saber que todos que já atravessaram os umbrais desta instituição fizeram-no por seus méritos.

Os agradecimentos são extensivos aos parentes e amigos que vieram prestigiar à posse, e à saudação fraterna e cheia de benevolências, pronunciada pelo confrade Osmar Diógenes.

Devo confessar, no entanto, que, quando tive de preparar o discurso dentro da praxe do Instituto do Ceará, busquei conselhos e inspiração nos textos dos mais antigos, como o do filósofo grego Pitágoras: “*Cala-te ou diz coisas que valham mais que o silêncio*”. Não posso emudecer na primeira vez que me apresento diante de meus confrades, mas prometo tentar seguir o conselho do mestre com a dignidade de quem sempre deu o melhor de si em tudo que se propôs.

* Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

Recordei a “*Oração Fúnebre*” pronunciada por Péricles, em homenagem aos primeiros mortos da Guerra do Peloponeso. Nela, o estadista ateniense começa confessando: “*É difícil falar com propriedade numa ocasião em que não é possível aquilatar a credibilidade das palavras do orador.*” E explica mais na frente, “*elogios a outras pessoas são toleráveis somente até onde cada um se julga capaz de realizar qualquer dos atos cuja menção está ouvindo; quando vão além disto, provocam inveja, e com ela a incredulidade.*”

Georges Louis Leclerc, o conde de Buffon, naturalista e escritor francês, no discurso “*Sobre o Estilo*” aconselha: “*O estilo é o próprio homem; o estilo não pode ser roubado, transportado ou alterado... A formosura de um estilo está sempre, com efeito, em razão direta do número de verdades que apresenta.*”

Um discurso que poderia servir de modelo por encaixar-se nesta concepção foi pronunciado no Cemitério Nacional de Gettysburg, durante a Guerra da Secessão. No início, talvez por modéstia, Abraão Lincoln falha nas previsões, “*o mundo pouco notará, e logo esquecerá o que dizemos aqui*”, mas, no final, cunha uma frase lapidar:

“Que esta nação, sob as bênçãos de Deus tenha um renascimento de liberdade, e este governo do povo, pelo povo e para o povo, não seja varrido da face da terra”.

Imbuído destes conselhos, relembremos o nosso antecessor, Osvaldo Evandro Carneiro Martins, uma figura singular. Infelizmente o tempo disponível é muito pouco para elencar todas as qualidades deste homem reto, honrado, humilde e culto.

Profissional e professor de três carreiras tão díspares quanto Agronomia, Direito e Filosofia Pura, conseguiu ser figura destacada em todas elas. Vítima da intolerância foi obrigado a exilar-se no exterior longe da família, quando aproveitou para alargar seus conhecimentos, na França e na Rússia.

Preocupado com a ecologia, ele defendia que a exploração dos recursos naturais deveria ser feita apenas para atender às necessidades básicas da população. Advogava também o uso da ciência e técnica em prol da natureza e da humanidade e não para destruí-las. Nisso concorda Gabriel Camps, em “*La Préhistoire*”: “*A acumulação de riquezas atrai cobiça... A distorção entre a técnica e a moral chegou a*

tal ponto que a palavra paz, esvaziada de seu conteúdo, tende a ser substituída por uma expressão pavorosa: equilíbrio do terror!” E finaliza, “o homem, este ser paradoxal, vai seguir sempre em frente, mas olhando para trás, como se vivesse, na sua progressão incessante, uma eterna decadência.”

Oswaldo Evandro manteve sempre a coerência, e podemos considerá-lo um homem feliz, na concepção de Goethe: *“O mais feliz dos seres humanos é aquele que pode por em conjunção o fim da sua vida com o princípio”*. O ideal que perseguiu durante toda sua vida foi aquele preconizado, por outro cientista, Albert Einstein: *“Os ideais que iluminam meu caminho são a bondade, a beleza e a verdade”*.

Falando de mim, entre as recordações da infância, as mais indelévels são aquelas da casa de meus pais. A biblioteca era mais permanente que a posse da casa própria. As conversas versavam quase sempre sobre conhecimentos gerais, poesia e literatura, muitas vezes um pouco acima da percepção dos quatro filhos, para que pudéssemos desenvolver mais plenamente o raciocínio.

O costume de fazer-nos decorar poesia e discursos dos grandes gênios da literatura era uma maneira de exercitar a memória. Graças a isso, travamos contato com Castro Alves, que no ardor da juventude, já nos ensinava como se comportar no dia do Juízo Final, *“Quando ante Deus vos encontrardes, tereis um livro na mão: O livro - este audaz guerreiro que conquista o mundo inteiro sem nunca ter Waterloo ... Éolo de pensamentos, que abriu a gruta dos ventos donde a Igualdade voou”*.

Grande parte dos estudantes de minha geração conhecia os primeiros versos dos “Lusíadas”, *“As armas e os barões assinalados que, da Ocidental praia Lusitana por mares nunca de antes navegados, passaram ainda além da Taprobana”*, mas nem todos se interessaram em saber que esta terra era a ilha de Ceilão, hoje, Sri Lanka. Também, poucos tomaram conhecimento que os originais do mais célebre poema épico de nossa literatura foram salvos pelo autor, durante um naufrágio, em detrimento da vida da jovem Dinamene, a quem Camões dedicou o mais belo soneto da língua portuguesa (Soneto 19).

Na juventude, descobri Euclides da Cunha inspirando o sonho de um geólogo, quando nos relata, nos “Sertões”: *“É natural que estas camadas profundas da nossa estratificação étnica se sublevassem numa*

anticlinal extraordinária - Antônio Conselheiro". Ou indignado com a falta de dados sobre as secas do nordeste: "*Escasseiam-nos as informações mais comuns, mercê da proverbial indiferença com que volvemos às cousas desta terra com inércia cômoda de mendigos fartos*".

Em "Plano de uma Cruzada", ele volta a abordar a política das secas do Nordeste e, há mais de um século, já sugeria uma "*provável derivação das águas do S. Francisco, para os tributários superiores do Jaguaribe...*".

Ao prefaciar o livro "Poemas de Canções" de Vicente de Carvalho, começa com um alerta, "*Aos que se surpreenderem de ver a prosa do engenheiro antes dos versos do poeta, direi que nem tudo é golpeantemente decisivo nesta profissão de números e diagramas. É ilusório o rigorismo matemático imposto pelo critério vulgar às formas irredutíveis da verdade.*"

Aos 17 anos, saí de casa para estudar em Ouro Preto, na mais antiga Escola de Minas da América do Sul, hoje com 137 anos. Graduei-me em Engenharia Geológica e retornei à Terra Natal para trabalhar em pesquisa mineral.

Até me aposentar, somente tinha me ausentado do país por um ano, período em que fiz um curso de prospecção na Escola Superior de Geologia de Nancy, na França; e mais três meses, quando fui enviado ao Iraque como consultor do governo brasileiro junto ao Serviço Geológico daquele país.

Não me foi possível conhecer todos os locais da Mesopotâmia, berço de nossa cultura, por causa da guerra Iraque-Irã. Mas, entrei em contato com a mais florescente civilização da Idade Média, depois reduzida ao estado tribal, por conta das sucessivas invasões estrangeiras, desde a década de 1250 até depois do final da II Guerra Mundial, quando surgiram os primeiros países árabes. É o historiador Will Durant que reconhece sua importância para o mundo ocidental: "*Somente nos apogeu da história uma civilização produziu, em período igual, tantos homens ilustres – no governo, educação, literatura, filologia, geografia, história, matemática, astronomia, química, filosofia e medicina – como o Islã nos quatro séculos entre Rarum Al Raschid e Averróis*".

Aposentei-me e voltei a trabalhar, desta vez em geologia ambiental. Naquele momento, percebi que os conhecimentos adquiridos

na Escola de Minas de Ouro Preto, 30 anos antes, não atendiam plenamente aos anseios da sociedade, a quem deveria prestar serviços.

Retornei à universidade, fiz mestrado na UFC, doutorado na UFPE, e a “*thèse sandwich*” na Sorbonne. Nos seis meses de permanência na “Cidade Luz”, cada caminhada pelas ruas era uma aula prática da história e da cultura do Velho Mundo, que tinha absorvido ao longo da vida.

Atualmente, com a disponibilidade de tempo que há muito não usufruía, e o incentivo de meu irmão mais novo, Celso Renaldo, veio-me à mente a possibilidade de desfrutar da companhia dos sócios efetivos do Instituto do Ceará, tornando-me um deles. Provavelmente jamais conseguirei servir ao Instituto como devo, mas nunca deixarei de respeitá-lo como merece, por se tratar de uma paixão da juventude, que nunca se arrefeceu.

O sonho é antigo, começou quando ainda era jovem e admirava a mais vetusta das entidades culturais do meu torrão natal e este Sodalício contava com a presença de Raimundo Girão, intelectual e escritor de linguagem elegante e grande capacidade de síntese, nosso vizinho da Rua João Lopes, amigo de minha família, cujo ponto alto desta feliz convivência se deu quando sua querida filha Celina casou-se com Rosildo Lima Verde, o primo mais querido de todos nós. Seus livros têm sido meus companheiros, até mesmo quando preparei minha dissertação e tese.

Depois, mais outra pessoa querida da família passou a pertencer ao Instituto, José Aurélio Saraiva Câmara, militar, professor do Colégio Militar e da Escola de Engenharia da UFC, além de diretor da Casa do Brasil, na Universidade de Madrid. Quando o destino cedo o levou para o lado do Todo-Poderoso, ocupou sua vaga o historiador e irmão Francisco Fernando Saraiva Câmara, batalhador incansável deste Instituto, que tão bem investigou a origem dos Câmara desde a Ilha da Madeira e traçou a genealogia de nossa família.

Finalizando gostaria de dizer que, se fosse possível, para homenagear aquela que é minha eterna namorada e parceira de todas as horas, há quase 48 anos, trocaria, de bom grado, quase tudo que aprendi na vida inteira, por alguns segundos da inspiração de El Aama el Toteli, o poeta cego de Tudela, na quadra dedicada à sua amada:

*“Quando ela sorri, pérolas aparecem;
Quando ela retira o véu, vê-se a lua;
O universo é pequeno demais para contê-la;
Contudo ela está dentro do meu coração.”*

(Discurso pronunciado no Instituto do Ceará,
em 23 de janeiro de 2014).